

O componente pragmático nas definições de dicionários

The pragmatic component in dictionaries definitions

Halysson Oliveira Dantas*

RESUMO: Este trabalho argui acerca das relações possíveis entre a Pragmática e a metalexigrafia. A nosso ver esta é influenciada por aquela, no sentido de que os dicionários são essencialmente compostos por atos de fala, sobretudo, nas definições dos artigos léxicos. Assim, a partir da análise de um **corpus** constituído por verbetes de um dicionário eletrônico online, visamos clarear de que modo o componente pragmático funciona na microestrutura deste tipo de obra. O que nos mostram os dados analisados é que as definições dos dicionários são eivadas de atos de fala (Austin, 1962) e influenciadas pela força ilocucionária (Searle, 1969), o que reforça o caráter textual-discursivo das obras lexicográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionário. Metalexigrafia. Pragmática.

ABSTRACT: This work let us reason together about possible relations between the Pragmatics and the Metalexigraphy. In our view this is influenced by one, in the sense that the dictionaries are essentially composed of speech acts, especially in the definitions of lexical items. Thus, from the analysis of a corpus consisting of entries an online electronic dictionary, we aim to clarify how the pragmatic component works in the microstructure of this type of work. What show us the analyzed data is that the dictionary definitions are beset with speech acts (Austin, 1962) and influenced by the illocutionary force (Searle, 1969), which reinforces the textual and discursive character of lexicographical works.

KEYWORDS: Dictionary. Metalexigraphy. Pragmatics.

1. Introdução

Desde os tempos mais remotos, o homem tem buscado conservar seu patrimônio linguístico-cultural em obras de referência que se destinam aos mais diversos propósitos. Seja nas listas de palavras dos Sumérios (FARIAS, 2001), seja nos grandes glossários de latim, grego e aramaico da Idade Média. A humanidade necessita dessas obras de referência não só para armazenar sua bagagem linguístico-cultural, mas também e, sobretudo, a fim de proporcionar às gerações futuras a possibilidade de compreender um pouco mais sobre os que lhe antecederam.

Assim, as ditas obras lexicográficas, dicionários, enciclopédias, listas de palavras, entre outras, têm influenciado as sociedades e os meios de produção em épocas diferentes, haja vista

* * Doutor em Linguística pelo PPGL/UFC, professor da Faculdades Nordeste (FANOR/DEVRY) e do Instituto UFC-Virtual.

a relevância das enciclopédias para o Iluminismo, assim como não menos importantes foram os glossários terminológicos no esteio da Revolução Industrial que se segue até hoje. Também sofrendo influências de seu tempo, tais obras refletem os comportamentos linguísticos de um dado momento, pois por meio delas é possível encontrar palavras que concorrem entre o *uso* e o *desuso* (PONTES, 2008), bem como perceber as nuances de produção e compreensão do texto escrito, dados os limites ou as possibilidades impostas pelos meios usados para este fim.

Nas últimas décadas, pois, o advento das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) tem contribuído sobremaneira para o desenvolvimento de novas técnicas de escrita e de circulação de textos verbais ou não-verbais no mundo. O avanço tecnológico possibilitou o estreitamento de fronteiras entre os diversos povos do globo, a partir de uma lógica capitalista de globalização econômica que se reflete nas próprias relações sociais entre as pessoas. Para tanto, é necessário que a troca de informações nas mais diversas situações se proceda com base em *gêneros textuais*, que se cristalizam, renovam-se e se reelaboram para dar conta das novas demandas da comunicação humana.

Neste sentido, as obras lexicográficas, que são constituídas por diferentes gêneros, ampliam seus horizontes e a produção ou avaliação crítica das mesmas, ultrapassa as fronteiras das disciplinas que se propõem a este objetivo. Portanto, não cabe mais falar em Lexicologia e Lexicografia que não seja no âmbito de uma abordagem multidisciplinar, porque na própria essência desses ramos da Linguística Moderna se inserem as contribuições de outras disciplinas como a Semântica, a Pragmática, a AD francesa, a Sociolinguística, entre outras (DANTAS, 2009).

Partindo dessa visão, este artigo tem por objetivo estabelecer um diálogo entre os preceitos teórico-metodológicos da Lexicografia e as contribuições da Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle (LEVINSON, 2007), analisando de que forma os verbos performativos e suas formas nominalizadas são definidos no Dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa e de que maneira colaboram para a compreensão do consulente de como se pode “fazer coisas com as palavras” (AUSTIN, 1962).

Para tanto, faremos um breve percurso teórico pelas searas da Lexicologia e da Lexicografia, bem como pela Teoria dos Atos de Fala.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Lexicologia e Lexicografia

A Lexicografia se caracteriza para muitos autores, como a "arte" ou "técnica" de fazer dicionários. Ancorada nos preceitos teóricos estabelecidos pela Lexicologia, a Lexicografia surge como a aplicação prática dessas teorias lexicológicas. Por isso mesmo, tem sido classificada como estando no âmbito da Linguística Aplicada.

O desenvolvimento de tratamentos informáticos no estudo do léxico, bem como a demanda por novas tecnologias e a pressão comercial pela confecção de bons dicionários têm feito com que a Lexicografia experimentasse um enorme salto, atraindo cada vez mais a atenção de muitos linguistas. Assim, muitos dicionários têm deixado de ser apenas normativos e passaram a ser mais descritivos e a ser elaborados de acordo com os princípios estabelecidos pelo fazer lexicográfico. Deixa-se de lado, pois, o caráter predominante nos dicionários anteriores ao surgimento da Lexicografia, que cumpriam apenas a função de simples repositórios de significados. Vale ressaltar, como afirma Pontes (2007, p. 5), que essa mudança na forma como se produzem os dicionários, atualmente, tem por base “a preocupação com os usos da língua e com a educação linguística de um povo”.

A Lexicografia teórica ou Metalexigrafia é um espaço multidisciplinar que absorve as contribuições que lhe são dadas pelas várias outras disciplinas da Linguística Moderna, tais como, a Semântica, a Gramática, a Pragmática, entre outras. Conta ainda com uma metodologia própria:

Por *teoria lexicográfica* entendemos um conhecimento científico convenientemente organizado que oferece uma visão integral e sistêmica de todo o conjunto de problemas relacionados com a criação de dicionários. A *teoria lexicográfica* tem vários componentes compreendidos entre eles: a) o estudo da extensão, o conteúdo e a estrutura do conceito de Lexicografia; b) a Lexicologia dicionarística, quer dizer, aquela que serve para criar as obras lexicográficas; c) o estudo dos gêneros e tipos de dicionários; d) a teoria de elementos e parâmetros de um dicionário; e) o estudo dos fundamentos da conformidade de obras lexicográficas e da computação do trabalho lexicográfico; f) a teoria das fichas e conformidade de materiais primários; g) o planejamento e organização do trabalho lexicográfico; h) a conformidade e delimitação das regras lexicográficas. (MORKOVKIN, 1992, p.159 *apud* MARTÍN, 2000, p.24)

Para Pontes (2007, p. 5) as pesquisas que se baseiam nos métodos da Metalexigrafia “servem de fundamentos sólidos para o fazer lexicográfico e para as discussões relativas à

Lexicografia Aplicada”. Este ramo dá conta dos estudos do dicionário em sala de aula. O que mais se tem estudado nesta área são as atitudes e as crenças dos alunos diante dos dicionários, suas dificuldades de uso, as estratégias de leitura. Portanto, não é um contrassenso afirmar-se que esse ramo da Lexicografia está muito mais centrado no consulente, e as críticas feitas a obras lexicográficas com base nessa teoria têm o intuito de aprimorá-las cada vez mais para facilitar a consulta do usuário.

2.1.2. O verbete

O verbete é um gênero textual que apresenta uma estrutura composicional e um propósito comunicativo peculiares. No que se refere a sua estrutura, Welker (2004, p. 110) diz que pode ser considerada a cabeça do verbete a junção do “lema com as informações anteriores à(s) definição(ões), a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso” para a composição do verbete. Além de possuir fronteiras bem delimitadas em relação ao seu plano composicional, o verbete também é caracterizado pelo fato de que a sua leitura é motivada, via de regra, pela consulta a informações específicas como definições, exemplos, sinônimos, entre outras.

Assim sendo, interessa-nos, para o escopo de nosso trabalho, o paradigma definicional constituído pelas diversas acepções que compõem a microestrutura do verbete. Ao lado da entrada, pode-se afirmar que a definição representa a espinha dorsal do verbete. É, pois, na definição que se tem a possibilidade de reconhecer o bom lexicógrafo, haja vista que sua habilidade de definir deve ter em conta não apenas sua qualidade como produtor de textos, como também sua fidedignidade aos princípios da Lexicografia.

Em geral, as definições nos dicionários de língua comum seguem o modelo aristotélico, lógico ou analítico, é dizer que se inicia pelo gênero próximo (um hiperônimo, por exemplo) mais as características específicas. Há também as definições que são realizadas por meio de paráfrases constituídas por fórmulas definitórias ou as pseudodefinições que se baseiam na sinonímia, sendo estas pouco recomendadas principalmente para dicionários escolares, pelo fato de que são pobres conceitualmente e favorecem a circularidade das informações.

Explicando melhor como se dá a definição lógica, Welker (2004, p. 118) mostra-nos como seria definido ‘cadeira’ conforme preceitua a Lexicografia:

(...)usam-se os termos latinos *genus proximum* e *differentia specifica*, e a definição dada desse modo é chamada de analítica, lógica ou aristotélica. Para definir *cadeira*, por exemplo, usa-se o *genus proximum*, isto é, hiperônimo, *móvel* e as *differentiae specíficae* “para sentar-se”, “com encosto”, “para uma pessoa” e, eventualmente, outros semas. (WELKER, 2004, p. 118)

Vale ressaltar que o modelo analítico está mais vinculado às definições lexicográficas e às terminográficas, sendo as definições enciclopédicas mais explicativas e, portanto, mais livres desses limites impostos pela tradição. Contudo, as definições enciclopédicas são debitárias de algumas características próprias que não nos cabem discutir nesse trabalho.

Pontes (2008, p. 168-177) afirma que as definições nos verbetes devem ser regidas pelos princípios da *identidade categorial* e da *identidade funcional*. O primeiro diz respeito ao fato de que se está definindo um substantivo concreto, por exemplo, o texto definitório deve ser iniciado por um substantivo concreto e assim se aplicando a outras categorias gramaticais. No princípio da identidade funcional, salienta-se o ato, ou melhor, o como fazer algo. Onde, pois, a definição de gargarejar pode ser feita com uma paráfrase do tipo “agitar (um líquido) na boca ou na garganta”.

Além desses, o mesmo autor ainda adverte que outros princípios precisam ser levados em conta pelo lexicógrafo, ao produzir as definições, a saber: a definição tem que ser completa, mas não demasiado longa; devem ser produzidas de forma simples e clara, sem ser vaga; não pode ser circular; não pode ser negativa; não deve revelar nenhuma ideologia; e a unidade léxica não pode figurar na definição como descritor.

Por esses e por outros motivos é que Imbs (1960, p. 9), citado por Welker (2004, p. 117), já dizia que “a arte suprema, em Lexicografia, é a da definição”, visto que é nela que reside o aspecto textual-discursivo do gênero verbete. Desta forma, qualquer análise que se possa fazer das definições nos dicionários não pode prescindir de outros componentes que influenciam a produção e a compreensão de sentidos, como, por exemplo, o pragmático. Vejamos, então, mais adiante como se deu a contribuição de Austin e Searle para a virada pragmática da segunda metade do século XX, que foi um marco nos estudos da linguagem. Em seguida, buscaremos o ponto de interseção da Pragmática e da Lexicologia, através da análise de verbetes cuja palavra-entrada seja um verbo performativo ou sua forma nominalizada.

2.2 A Teoria dos Atos de Fala: Os legados de Austin e de Searle

Conforme Armengaud (2006, p. 100), “a Teoria dos Atos de Fala é um estudo sistemático da relação entre os signos e seus intérpretes”. Neste sentido, o que importa não são simplesmente as formas linguísticas ou a maneira como elas se relacionam, mas aquilo que a elas subjaz, ou seja, os atos realizados pelos usuários por meio destes signos.

Partindo, pois, dessa noção de que na essência das expressões linguísticas se consegue depreender atos pretendidos pelos usuários é que a obra *How to do things with words*, publicada em 1962 e que reunia várias palestras ou aulas de J. L. Austin representou de certa forma um marco nos estudos linguístico-filosóficos, haja vista que se propunha a esboçar algo que Wittgenstein já havia postulado anteriormente com seus jogos de linguagem: a sistematização do fazer por meio do discurso.

Nessa linha, Austin tentava contrapor-se à semântica tradicional que entendia os enunciados da língua como essencialmente declarativos. Não que esta característica da linguagem fosse para ele radicalmente obsoleta, mas deixava de lado a análise de enunciados que não pudessem ser verificados em sua *condição de verdade*. Pois, como destaca Oliveira (2008, p.151) os enunciados absurdos (não-verificáveis), enquanto “disparates linguísticos” poderiam até não ter “a intenção de informar, apesar de serem formulados para esse fim”.

Austin buscava esclarecer melhor a questão dos “disparates linguísticos” denominados assim pelos semanticistas vericonditionais, estabelecendo uma classificação bipartite destes enunciados, designando-os de *constatativos* e *performativos* (OLIVEIRA, 2008, p. 152). Sendo os primeiros, próprios a cumprir a função descritiva da língua, ao passo que os segundos carregavam consigo o *fazer* por meio da linguagem. Não nos deteremos muito neste resgate histórico das considerações austinianas a respeito dos atos de fala, cabe-nos tão-somente neste trabalho subsidiar o leitor a respeito da herança deixada por este filósofo da linguagem, em sua tentativa de sistematizar e dar um caráter mais linguístico para aquilo que o segundo Wittgenstein já havia demonstrado filosoficamente com seus jogos de linguagem: que os elementos linguísticos precisam ser sempre analisados sob o prisma do *uso*, ainda que em sua forma dicionarizada.

Austin acreditava que ao enunciar estamos também fazendo coisas, daí o título de sua obra póstuma *How to do things with words*. Para tanto, o autor destacou três tipos de atos de fala que seriam simultâneos, necessitando ainda respeitar as *condições de felicidade* para ser bem executados. Como aponta Levinson (2007, p. 300):

- i. *Ato locucionário*: a enunciação de uma sentença com sentido e referência determinados
- ii. *Ato ilocucionário*: o ato de fazer uma declaração, oferta, promessa, etc. ao enunciar uma sentença, em virtude da *força* convencional associada a ela (ou à sua paráfrase performativa explícita).
- iii. *Ato perlocucionário*: o ato de causar efeitos no público por meio da enunciação da sentença, sendo tais efeitos contingentes às circunstâncias da enunciação. (LEVINSON, 2007, p. 300)

Com essa classificação, Austin deixa claro que a relação entre *conteúdo proposicional* e *força ilocucionária* seria o cerne de uma semântica que, para além de definir as condições de verdade de um determinado lexema ou de uma sentença na sua interação com o mundo real, traz à tona a questão do *uso* como primordial para a análise dos atos de fala. Austin destaca ainda o papel das *condições de felicidade* para o sucesso de um dado *ato ilocucionário* ou *perlocucionário*, corroborando o que já afirmamos mais acima.

Apesar de Austin ter conseguido avançar no sentido de sistematizar uma semântica do uso, como pretendia Wittgenstein, foi Searle em sua obra *Speech acts: an essay in the philosophy of language*, de 1969, que alcançou de fato este intento pretendido pelo nobre professor de Oxford.

Levinson (2007, p.302), por exemplo, afirma que Searle é o responsável pela sistematização da Teoria dos Atos de Fala de Austin, dando-lhe um caráter ainda mais linguístico. Indo, então, além do esboço que o próprio Austin havia feito ao destacar os *verbos performativos* e as *sentenças performativas explícitas* nas quais tais verbos figuram. Searle amplia o debate ao buscar a distinção entre *regras reguladoras* e *regras constitutivas*, bebendo mais uma vez no segundo Wittgenstein, para tentar entender como se dá a ligação convencional entre as performativas explícitas e outros dispositivos indicadores de força ilocucionária (DIFI).

Searle (1969, p. 23) destaca que falar uma língua é realizar atos de fala, tais como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas e assim por diante: e, de forma mais abstrata, atos de fala como referir e predicar, e, em segundo lugar, estes atos se tornam, em geral, possíveis e são realizados de acordo com certas regras para o uso dos elementos linguísticos. Essa visão dá ao componente linguístico, sobretudo ao nível da sentença, um papel fundamental para a apreensão do ato de fala que ela propõe. Desta forma, partindo da utilização de “fórmulas linguísticas”, Searle manejou as regras do jogo linguístico de modo que estas pudessem lhe servir para tornar possíveis suas sistematizações dos atos de fala.

Segundo Oliveira (2001, p. 174), as reflexões de Searle a respeito da estrutura dos atos de fala, em especial os ilocucionários, partem da apreensão das *condições de possibilidade* e vai à dedução das regras que os constituem. Vale ressaltar que tais condições são um desdobramento das condições de felicidade de Austin. O que Searle buscou, na verdade, foi tornar mais específicas e mais linguisticamente claras as possibilidades que precisam ser levadas em conta para que se possa realizar atos de fala bem-sucedidos. Relacionando de forma harmônica o seu conteúdo proposicional e sua força ilocucionária.

O próprio Searle (1969) nos demonstra como essas condições de possibilidade se estabelecem para a consecução dos mais diferentes atos:

1. O falante disse que executaria uma ação futura
2. Ele pretende executá-la
3. Ele acredita que pode executá-la
4. Ele pensa que não a executaria de qualquer maneira no curso normal da ação
5. Ele pensa que o destinatário quer que ele a execute (e não que o destinatário quer que ele não a execute)
6. Ele pretende colocar-se na obrigação de executá-la enunciando E
7. Tanto o falante quanto o destinatário compreendem E
8. Ambos são seres humanos normais, conscientes
9. Ambos se encontram em circunstâncias normais, por exemplo, não estão representando uma peça
10. A enunciação E contém algum DIFI que só é adequadamente enunciado se todas as condições adequadas são válidas. (SEARLE, 1969)

A partir do estabelecimento de tais condições Searle coloca que dentre elas há aquelas que seriam gerais a todos os atos ilocucionários e outras que são específicas e constitutivas do ‘prometer’, por exemplo. Deste modo, ele elenca quatro condições básicas ou regras para os atos ilocucionários, a saber: de *conteúdo proposicional*, de *introdução ou preparatórias*, de *sinceridade* e a *essencial*. Isto implica dizer, portanto, que se tomarmos a promessa como um ato ilocucionário, poder-se-ia apreender deste as seguintes regras de anúncio da sua força ilocucionária:

1. Regra do conteúdo proposicional: a expressão prediz um ato futuro do falante;
2. Só deve ser expresso quando o ouvinte deseja a realização da promessa e o autor da mesma tem consciência disso;
3. Só deve ser expressa a promessa quando falante e ouvinte, dado o contexto, não têm certeza de sua realização (regras de introdução: 2 e 3);
4. Só pode ser expressa a promessa se o falante tiver a intenção de realizá-la

- (regra de sinceridade);
5. Expressar a promessa é a assunção pelo falante de que vai realizá-la. (Regra essencial).

As condições de possibilidade e as regras foram as contribuições mais proeminentes de Searle à Teoria dos Atos de Fala, haja vista que ampliou o simples interesse na taxonomia dos verbos performativos e das performativas explícitas, presentes em Austin. Searle (1969) aponta ainda cinco tipos básicos de ação que alguém pode executar ao falar:

- (i) representativas (afirmar, concluir, etc.)
- (ii) diretivas (pedir, perguntar)
- (iii) comissivas (prometer, ameaçar, oferecer)
- (iv) expressivas (agradecer, parabenizar, desculpar-se)
- (v) declarações (excomungar, declarar guerra, batizar) (SEARLE, 1969)

Tais ações são linguisticamente expressas pelos verbos performativos que, conforme defendeu Searle, podem aparecer explícitos numa dada sentença ou podem ser depreendidos através da fórmula *I (hereby) Vp you (that) S'*, onde Vp é o verbo performativo explícito ou implícito e S' é a sentença subordinada integrante.

É óbvio que a redução da análise a esta fórmula gerou e ainda gera muitas controvérsias, contudo não nos cabe no âmbito desse artigo aprofundar essas questões, nem tampouco debruçarmo-nos sobre o estudo dos atos de fala indiretos, outro ponto importante e não menos controverso da Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle. Na verdade, aventuramo-nos nas veredas da Pragmática, a fim de avaliarmos com maiores subsídios como se apresentam os verbos performativos e suas formas nominalizadas nos dicionários, de que forma são definidos, se há nestas definições traços pragmáticos ou se elas trazem marcas linguísticas que transpareçam a força ilocucionária desses verbos.

3. Metodologia

No intuito de estabelecer um diálogo possível entre a Pragmática e a Lexicografia, procedemos a análise de dez verbetes de um dicionário *online* da Língua Portuguesa, variante brasileira, para descrever como a força ilocucionária se apresenta no paradigma definicional dos verbos performativos e de suas formas nominalizadas.

A escolha do dicionário *online* em detrimento ao impresso tem por base o crescente uso deste tipo de obra no contexto atual. Não apenas pelas suas funcionalidades hipertextuais, mas também pela possibilidade de levá-lo na palma da mão e acessar sua megaestrutura com um simples toque na tela. Outro fator que nos motivou à escolha de um dicionário *online* é sua disponibilização gratuita na web, ensejando, assim, um acesso mais democrático e menos sacralizado ao arcabouço linguístico-cultural de uma dada comunidade.

Desta forma, já se podem encontrar muitas opções de dicionários *online* na grande rede, contudo muitos se repetem e pouco acrescentam ao consulente, ao passo que outros já apresentam uma estruturação hipermodal que graças às funcionalidades informáticas dão ao internauta/consulente a oportunidade de relacionar informações entre diferentes gêneros em que haja a ocorrência da palavra consultada, através dos *links*.

Assim ocorre com o Dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa, que mesmo sem ainda ter avançado no que diz respeito à colaboração ou co-elaboração, ferramentas presentes em muitos programas e *sites* da *web 2.0*, já apresenta uma estrutura diferenciada dos demais. Neste dicionário, o consulente pode buscar a palavra demandada, usando um buscador comum como ocorre no *Google*, ou pode acessar as palavras mais acessadas que figuram na *homepage* em forma de *links*. Além dessas, outras características são peculiares ao Priberam como, por exemplo, o fato de relacionar a palavra consultada com ocorrências de uso da mesma em notícias, blogues ou redes sociais, em tempo real. Por conta disso e pela escassez de pesquisas realizadas no Brasil acerca dos dicionários *online*, optamos por utilizar este tipo de obra lexicográfica como fonte para a constituição do *corpus* deste artigo.

Nosso objeto de estudo, portanto, centrou-se nas definições de dez verbetes que foram selecionados na nomenclatura do Priberam a partir dos cinco tipos básicos de ações apontados por Searle (1969). Selecionamos dez verbos performativos representativos dessas cinco ações para, em seguida, buscarmos seus equivalentes nominalizados. Totalizando, na verdade, 20 artigos léxicos analisados. O que pode parecer um quantitativo pequeno, mas que se torna mais extenso quando levamos em conta as redes léxico-semânticas que surgem a partir de cada um.

No espaço deste trabalho, discutiremos mais adiante como o componente pragmático está presente no paradigma definicional dos verbos performativos dicionarizados, por meio da análise dos *Vp* “prometer” e “advertir” presentes enquanto exemplos de atos ilocucionários na obra de Searle (1969), bem como em obras de outros autores que se debruçaram sobre a Teoria dos Atos de Fala, Armengaud (2006), Levinson (2007) e Oliveira (2001).

4. Discussão e análise dos dados

A noção de que estamos constantemente fazendo coisas por meio da linguagem remonta aos gregos, sobretudo a Platão e Aristóteles (DUARTE, 2003, p.14), que entendiam que o homem lançava mão de categorias ou classes bem definidas em proposições lógicas de modo a propor e/ou refutar argumentos. No esteio dessas discussões que se embasaram em relações políticas e sociais na *pólis*, a gramática se apropriou desses conceitos filosóficos, tendo, contudo, relegado pouco – ou, melhor dizendo - nenhum espaço à influência do *uso*.

Assim como a gramática, o dicionário como obra metalinguística de referência também percorreu este caminho, haja vista que seus princípios fundantes sempre foram o registro formal e a normatização do léxico de uma dada língua. Deste modo, conforme já afirmamos em outro momento, citando Farias (2003), a função de integração entre os povos do mundo presente já desde as civilizações mesopotâmicas se torna pano de fundo frente à cristalização da palavra viva em forma de verbete.

Contudo, nos últimos anos a Lexicologia tem tomado cada vez mais corpo enquanto ramo multidisciplinar da Linguística Moderna. As contribuições teórico-metodológicas de outras áreas como a Etnolinguística, a Análise do Discurso e a Pragmática, por exemplo, concorrem para que se tenham maiores subsídios para a confecção e para a avaliação de dicionários.

Tomando como norte essa interação que atualmente a Lexicologia vem promovendo, acreditamos ser possível estabelecer o ponto de interseção entre esta disciplina e a Pragmática. Especificamente, no que se refere às definições dos *verbos performativos* (AUSTIN, 1962).

Para principiar nossa análise, observemos o exemplo do verbo “prometer” que reflete um dos cinco tipos básicos de ação que praticamos através da linguagem, postulados por Searle (1969):



Fig. 1. Verbetes 'prometer' do Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa.

Conforme se observa na figura acima, a estruturação do verbete no dicionário *online* difere do impresso, em primeiro lugar por ser acessado isoladamente dos demais que se encontram no limbo das *homepages* prontos para serem carregados na tela do computador, ao contrário do que ocorre no impresso em que o verbete figura em colunas, antecedido e precedido por outros verbetes, sendo ao consulente possibilitada a visualização, ainda que periférica dos mesmos. Além disso, a disposição das informações no dicionário *online* amplia as possibilidades de uso da palavra consultada, por apresentar gêneros diversos que se relacionam com ela. Por exemplo, os anúncios publicitários, os gráficos estatísticos, as notícias, os blogs e as redes sociais.

Em relação àquilo que denomino de “núcleo duro” do gênero verbete, a saber, a palavra-entrada e o paradigma definicional, observa-se uma mudança também na forma como as acepções são elencadas na microestrutura. No verbete impresso, as acepções aparecem, via de regra, horizontalmente, em sequência numérica, enquanto no verbete *online* do dicionário em questão, as acepções são dispostas verticalmente, também em sequência numérica. Essas comparações são necessárias para que possamos definir se a mudança de *medium* altera as características formais da microestrutura dos verbetes. Ao que nos parece, as razões para o ordenamento das acepções no dicionário *online* têm sua origem no próprio dicionário impresso, haja vista que o ordenamento horizontal neste se dá por otimização do espaço, limitação que não ocorre naquele, pois a atualização do verbete na página se dá isoladamente. Além do mais, o hipertexto deve ser o menos enfadonho possível, a fim de disponibilizar com clareza e precisão as informações para o leitor.

A definição propriamente dita do verbo performativo ‘prometer’ segue os preceitos lexicográficos, visto que por se tratar a unidade léxica de um verbo, a definição deve ser iniciada por um verbo, seguindo o princípio da *identidade categorial* (PONTES, 2008). Desta maneira, na acepção 1, a paráfrase “Comprometer-se a” encerra em si mesma uma sentença performativa, tendo como força ilocucionária a promessa de que algo será feito. Na visão de Searle (1969), essa paráfrase poderia ser transformada na fórmula performativa explícita: Eu (por meio deste) *prometo* a você que (...). Assim sendo, a fórmula em tela denota um ato de fala que, em princípio, parece formal, porém no uso corrente da língua a ação denotada por ele assume um *status* diverso.

Para além da identidade categorial, comum nas definições de verbos, pode-se destacar o fato de que os verbos que compõem as acepções também são performativos, como ocorre mais claramente nas acepções 1, 2 e 3. O que caberia classificar como *identidade pragmática*, visto que “comprometer-se a” (acepção 1) pode ser expresso também pela fórmula ‘Eu (*por meio deste*) comprometo-me a (...)’. No entanto, ainda que os verbos performativos que compõem as três primeiras acepções do verbete ‘prometer’ apresentem, em relação a este uma *identidade pragmática*, eles são dotados de forças ilocucionárias próprias e distintas, que podem se alterar ainda mais, a depender do contexto de uso. Eis aqui um ponto importante ainda a ser explorado, sobretudo, na interação entre estudantes e dicionários escolares em eventos de letramento na escola. Atividades como a seleção da acepção mais adequada de um dado verbo para ser empregado em um dado contexto poderiam demonstrar se o estudante tem competência para reconhecer a força ilocucionária.

As três últimas acepções do verbete ‘prometer’ seguem o estilo da nominalização do verbo performativo “Fazer promessas” (acepção 6). Neste caso, evidencia-se o verbo ‘fazer’ que marca linguisticamente o que Austin (1962) já afirmava que se comunicar é, em última análise, “fazer coisas com as palavras”. Cabe salientar ainda que força ilocucionária e contexto de uso configuram uma relação intrínseca, que, em um dicionário, é de extrema relevância, principalmente nos exemplos que são apresentados na microestrutura do verbete.

No que se refere ao dicionário objeto deste estudo, há um aspecto interessante e relativamente ‘novo’ para a lexicografia. Os exemplos são constituídos por textos reais e online, coletados em gêneros discursivos de grande circulação na *web* como blogues, tuitos e notícias. Assim, o leitor/consulente do dicionário tem a possibilidade de visualizar em tempo real o uso

que outros sujeitos fazem do verbo demandado e qual acepção melhor se adapta à força ilocucionária constante no exemplo.

Em relação ao verbo performativo ‘advertir’ (Cf. fig. 02 abaixo), percebe-se que a primeira acepção é formulada no estilo verbo mais nominalização, o que condiz com preceitos lexicográficos, ainda que não seja o tipo de definição mais recomendada, visto que ela pouco esclarece ao leitor/consultante. Neste tipo de definição o componente pragmático está linguisticamente demarcado pelo verbo (fazer, dar, etc.) que antecede a forma nominalizada da palavra-entrada. Sendo este expediente característico até da quebra de uma importante máxima griceana¹, a da qualidade, o que de certa forma pode frustrar a consulta.

The screenshot shows the website www.priberam.pt with the search term 'advertir'. The main content area displays the word 'advertir' with its grammatical classification 'v. tr. | v. intr.' and a 'Traduzir:' section with flags for Spanish, French, and English. Below this is a 'Sabia que?' section with a tip to click on a word for its meaning. The 'advertir - Coniugar' section lists the verb forms: 'v. tr. 1. Fazer advertência a; observar. v. intr. 2. Reparar, dar fé, notar.' To the right, there is a 'Últimas pesquisas:' section with a list of words like 'alfarrábio', 'amor', 'assoberbar', etc. Below the conjugation is a 'Partilhar:' section with buttons for Facebook, Twitter, and other social media. At the bottom, there is a 'Twitter' section titled 'Esta palavra no Twitter:' with several tweets. On the right side of the page, there are advertisements for 'Saraiva Cursos' and a 'Palavra do dia' section for 'sonial'.

Fig. 2. Verbetes ‘advertir’ do Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa.

Outro aspecto que merece destaque, é o fato de que ao longo da definição do verbo performativo ‘advertir’, há outros verbos também performativos, estabelecendo o que em lexicografia se classifica como definição por sinonímia. Bastante comum, por sinal, tendo em vista o princípio da economia linguística que, em certa medida, confunde-se com outra máxima griceana, a da quantidade. Vale salientar ainda que as definições por sinonímia constituem

¹ A respeito das Máximas griceanas, sugerimos a leitura do capítulo III do livro *A Pragmática* (ARMENGAUD, 2006, pp. 84-98).

remissivas obrigatórias, fazendo parte da medioestrutura do dicionário. Entretanto, problemas de *circularidade* e de *pistas falsas* podem também determinar a frustração da consulta, conforme já discutimos em trabalho anterior (DANTAS, 2009).

Em outras palavras, o que se percebe da análise em tela é que para além do paradigma definicional, o que torna mais claro o significado de verbos performativos nos dicionários são exemplos que, com base em contextos reais de uso, deixam emergir a sua força ilocucionária. O que para o Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa é demonstrado em gêneros discursivos correntes na *web*.

5. Considerações finais

A virada pragmática ocorrida na segunda metade do séc. XX influenciou significativamente os estudos sobre os textos, elevando a um novo nível o papel da interação leitor-texto-autor, em contextos reais de uso. Ainda que a Linguística do Texto tenha sido a mola propulsora desta virada, diversas áreas da Linguística moderna se engajaram nesta mudança de paradigmas. Posto que, mesmo que a Lexicologia e a Lexicografia sejam áreas cujos princípios são regidos por aspectos, até certo ponto ritualísticos, elas possuem como objeto de estudo, em última análise, fenômenos linguísticos, materializados em gêneros discursivos, o que *de per se*, justifica o viés pragmático na produção e análise de dicionários atualmente.

Desta forma, de acordo com a análise dos dados, concluímos que as definições presentes nos dicionários, em especial, nos verbetes cuja palavra-entrada é um verbo performativo, estão clivadas de componentes pragmáticos, desde atos de fala até as máximas griceanas. O que é mediado principalmente pelos exemplos que no Dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa remetem a gêneros correntes na *web*, constituindo contextos reais de uso que evidenciam a força ilocucionária dos verbos demandados pelo leitor/consulente. Com base nestas considerações, sinalizamos a necessidade de se desenvolver mais pesquisas que possam lançar um novo olhar para as relações de interação consulente-dicionário, com destaque para aquelas que ocorrem em eventos de letramento na escola.

Referências bibliográficas

ARMENGAUD, F. **A Pragmática**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London, Oxford University Press, Amen House, 1962.

DANTAS, H. O. **Estudo da Rede de Remissivas em Dicionários Escolares**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

DUARTE, P. M. T. **Classes e categorias em português**. Fortaleza, 2ª ed. rev. e ampl., Editora UFC, 2003.

FARIAS, E. M. P. Breve História do Fazer Lexicográfico. In: **Revista TRAMA**, Paraná, nº 5, v. 3, p.89-97, 2007.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

MARTÍN, M. del C. Á. **El Diccionario en el Aula**. Granada, Editora de la Universidad de Granada, 2000.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea**. São Paulo, 2ª ed., Edições Loyola, 2008.

PONTES, A. L. **Dicionário para Uso Escolar: o que é e como se lê**. Fortaleza, EDUECE, 2009.

PRIBERAM INFORMÁTICA S.A. **Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em: 09 jan. 2013.

SEARLE, J. R. **Speech Acts: an essay in the philosophy and language**. United Kingdom, Cambridge University Press, 1969. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

Artigo recebido em: 15.05.2016

Artigo aprovado em: 20.06.2016